

O Papel do Idoso nas dinâmicas sociais de realização do ser-no-mundo-com-o-outro

AUTORES:

1) Mariana Sá Alcantara Gomes

Doutoranda

Programa de Estudos Interdisciplinares em Comunidade e Ecologia Social – EICOS

Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

2) Jadir Lessa

Mestrando

Programa de Estudos da Subjetividade – Departamento de Psicologia

Universidade Federal Fluminense – UFF

3) Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá

Programa de Estudos da Subjetividade – Departamento de Psicologia

Universidade Federal Fluminense – UFF

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN

RESUMO

O aumento da população idosa nas sociedades contemporâneas tem fomentado reflexões sobre as transformações e demandas produzidas nos diversos níveis sociais. A consideração do velho a partir de modelos teóricos fundamentados numa concepção individualista e intimista da subjetividade apresenta limitações para uma compreensão do fenômeno do envelhecimento em toda sua significação existencial. A partir de uma perspectiva fenomenológica, o estudo sobre as formas de ser-no-mundo-com-o-outro do idoso é fundamental para a própria avaliação crítica dos valores que regulam o projeto de ocupação produtivista da cotidianidade contemporânea.

A identificação e a valorização do papel do idoso nas comunidades é a única forma possível de inclusão social desse grupo da população, que pode contribuir de maneira significativa para a transformação local de valores e modos de existir. Este artigo analisa o papel do idoso na comunidade, a partir do horizonte cultural de sentido da contemporaneidade, e sua importância fundamental para a formação de laços existenciais significativos entre seus membros mais jovens.

PALAVRAS CHAVES

Velhice, Ser-no-mundo, Ser-para-a-morte, Existência.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, em 1900, a população vivia em média 33,7 anosⁱ. Após um século, a expectativa de vida dos brasileiros aumentou para 68,6 anos e a perspectiva é de que em 20 anos, a população viva, em média, 72,1 anosⁱⁱ. Mesmo nos países com melhores condições de desenvolvimento, que já apresentam uma expectativa de vida elevada há mais tempo, indivíduos com mais de 60 anos são atores relativamente novos no cenário social. Na França, por exemplo, ao final do século XIX, os idosos representavam 6% da população e, no fim do século XX, o percentual de pessoas idosas, nesse país, foi além dos 14% (Lima, 1998).

Entre as consequências dessa "transição demográfica"ⁱⁱⁱ, alguns estudos (Lima, 1998) têm destacado principalmente o desequilíbrio econômico gerado pela diminuição de mão de obra e,

conseqüentemente, da produtividade, e o aumento dos gastos com a população inativa. Deve-se ressaltar, no entanto, que, para uma perspectiva fenomenológica e existencial de análise, tais conseqüências, de aparência objetivamente dada, somente têm uma compreensão crítica satisfatória quando inseridas no horizonte histórico e cultural de sentido a partir do qual ganham significação as categorizações etárias das populações e os modos cotidianos de compreensão do fenômeno do envelhecimento humano.

A ideologia do individualismo nas sociedades ocidentais contemporâneas

Uma das características marcantes do modo de ser do homem moderno é a exacerbação da experiência de si mesmo como interioridade psíquica contraposta ao mundo externo e público. Esse homem, tomado como um sujeito interno em relação com os objetos exteriores que o cercam, encontra dentro de “si mesmo” os elementos essenciais de sua identidade, que permitem, por sua vez, o controle e o assenhoreamento do mundo natural. Tais noções, instituídas como verdades em nosso tempo, encontram substrato teórico em correntes filosóficas e psicológicas que definem conceitualmente o homem como um sujeito intrapsíquico auto-fundado. O pensamento do filósofo Martin Heidegger, tem fornecido às ciências humanas importantes ferramentas conceituais para problematizar de forma desconstrutiva esta noção individualista e intimista da subjetividade. Na obra *Ser e Tempo* (Heidegger, 1989), o filósofo desenvolve sua analítica da existência humana enquanto abertura de sentido, denominando o modo de ser do homem como “ser-aí” (*Dasein*) ou ser-no-mundo, irreduzível a qualquer forma de objetivação como eguidade, sujeito, pessoa, etc. Sob esta ótica, a experiência moderna que temos de nós mesmos, como sujeitos interiores e individuais, não traduz uma verdadeira essência metafísica do homem, como tem considerado a maioria das tradições filosóficas, religiosas e científicas; trata-se apenas de um modo histórico específico de realização das possibilidades de sentido do poder-ser humano.

Essa ideologia individualista, dominante nas sociedades contemporâneas, está fortemente presente no modelo familiar. A família extensa tradicional deu lugar à família nuclear moderna, composta de mãe, pai e filhos e é representada como “*uma espécie de indivíduo coletivo*”, através do qual o projeto individual se materializa. Segundo Velho, “*É dentro e a partir desta, portanto, que se desenvolvem as relações e dramas psicológicos e sociais mais significativos. O mundo só faz sentido e ganha significado tendo a família nuclear como referência e palco central*”. Nesse modelo de família nuclear, quando os filhos se casam, a família do velho volta a ser somente o seu cônjuge e quando este morre, o indivíduo fica *deslocado*, pois a “sua família” fica vazia, deixando de existir enquanto projeto (Velho, 1999: 73-74). O ser-no-mundo idoso, inserido no cenário das sociedades ocidentais contemporâneas, convive com a imposição de uma imagem de que “*a velhice é resultado de uma espécie de lassitude moral, um problema de indivíduos descuidados que não souberam se envolver em atividades motivadoras e consumir bens e serviços capazes de combater o envelhecimento*”^{iv}. Isto é, o indivíduo é responsabilizado pelo seu envelhecimento^v.

O processo de adaptação da sociedade a essa população de mais idade é desencadeado a partir de demandas específicas desta população entendida enquanto grupo etário. São, portanto, demandas produzidas a partir de uma lógica de ocupação produtiva e espacial, a partir do binômio exclusão-inclusão. No Brasil^{vi}, por exemplo, que já apresenta um expressivo envelhecimento populacional, embora os idosos contem com áreas de lazer específicas em praças públicas e os bailes e clubes de convivência para a terceira idade venham aumentando nos últimos anos, o idoso (como os portadores de deficiências físicas e mentais) ainda sofre algum

tipo de exclusão social quando, por exemplo, os ambientes por onde circula não são adequados às suas necessidades. A interação com outros atores sociais, muitas vezes, é hostil, pois o velho pode ser considerado, por alguns grupos de indivíduos, como um peso, um problema social (Lima, 1998). A imagem da velhice está ainda associada a seus aspectos negativos, como a dependência, a doença, a debilidade física e mental, a incapacidade produtiva (Minayo e Jr. 2002; Motta, 2002; Lima, 1998), embora, muitas vezes ele ofereça contribuições financeiras e/ou assistenciais para a família.

2. O MODO COTIDIANO E IMPESSOAL DE COMPREENDER O VELHO

Ao falar em “projeto existencial”, Heidegger (1989) refere-se ao sentido temporal de projeção da existência humana. A partir de uma situação em que o homem se encontra já lançado no mundo e da pré-compreensão na qual desde sempre está inserido (seu horizonte de sentido), projetam-se suas múltiplas possibilidades de realização. Pode-se dizer, portanto, que a vida é um projeto, porque partimos de um estar-lançado numa pré-compreensão para nos projetarmos em certas possibilidades e não em outras. O modo de ser em que nos encontramos de início e na maior parte das vezes, isto é, em nossa cotidianidade mediana, caracteriza-se predominantemente por uma relação de ocupação com aquilo que nos vem ao encontro no mundo. Neste modo de ser impessoal, em que somos “como todo mundo é”, nesta “indiferença mediana”, tendemos a tomar o outro e a nós mesmos por aquilo que podemos ter, produzir ou representar em termos de utilidade social pragmática. A ausência de surpresas e a evidência do senso comum, o modo de falar descomprometido (falatório), a forma despersonalizada e insaciável de lidar com o novo para preservar o conhecido evitando as transformações (curiosidade), caracterizam esse modo de ser da cotidianidade mediana. É esta compreensão “mediana” que, quase sempre, dita e regula nossas possibilidades de ser, dispensando-nos de realizar, de modo próprio e pessoal, um projeto singular de existência.

Assim, cada sociedade organiza as estruturas, as funções e os papéis cotidianos dos indivíduos segundo os grupos etários. O estudo sobre a forma como se dá essa organização torna possível situar o “lugar social do idoso” que, portanto é variável de uma sociedade para outra e mesmo em uma mesma sociedade, em momentos históricos diferentes ou classes sociais diferentes (Scott, 2002).

Sobre a forma de compreender a velhice no mundo ocidental contemporâneo, pode-se destacar as seguintes considerações: segundo Minayo e Jr., “*No imaginário social a velhice sempre foi pensada como uma carga econômica - seja para a família, seja para a sociedade - e como uma ameaça às mudanças.*” (2002: 16); para Motta, “*No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da 'idade' como algo que se refere à 'natureza', e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência. Nenhum ganho, nessa 'viagem ladeira abaixo.*” (2002: 41); para Lima, “*O desinteresse pelo velho tem sido uma constante. Muitos acham que ele não conta, já desempenhou o seu papel no mundo, cumpriu o seu percurso natural e deve aguardar o momento do desfecho fatídico para abandonar a vida. O idoso não tem futuro, nenhuma razão lógica para viver - argumentam.*” (1998: 24)

A partir das considerações desses autores pode-se perceber que a imagem do velho é a de uma pessoa incapaz de produzir, dependente fisicamente e/ou financeiramente, desatualizada na cultura contemporânea e, portanto, sem projeto ou sentido de existência. Ou seja, o velho é de certa forma uma pessoa que está praticamente alijada da sociedade.

No entanto, a imagem social do velho não está, necessariamente, de acordo com a sua realidade ou com as suas possibilidades existenciais, tal como ele mesmo as percebe. Uchôa et al. (2002), que estudaram as condições de vida de mulheres idosas na cidade de Bambuí (MG), e utilizaram informantes-chave com idades entre 35 e 45 anos, perceberam que as mulheres idosas entrevistadas não se reconheciam no discurso dos informantes sobre as condições de vida dos velhos naquela cidade. Para os informantes-chave, os velhos estavam associados à solidão, improdutividade e doença. No entanto, as idosas que participaram da pesquisa se descreviam como pessoas socialmente engajadas, ativas e saudáveis.

A percepção da passagem do tempo

Na experiência cotidiana do tempo, o "presente" é a fase privilegiada a partir da qual se dispõem os momentos pretéritos, que ficam para trás, e os porvindouros, que ainda vão suceder. O tempo é compreendido como uma seqüência linear e irreversível de instantes. Porém, o fundamento ontológico, originário, do ser-no-mundo é a temporalidade, ou seja, não se trata de uma percepção interna de um tempo externo simplesmente dado, mas de um "fazer-se presente" ou "temporalizar-se", que pode privilegiar uma ou outra das dimensões temporais denominadas "passado", "presente" e "futuro". Em seus *Seminários de Zollikon*, Heidegger (2001, p.87) mostra que aquela representação usual do tempo, como seqüência de pontos do "agora", é uma abstração distante da experiência existencial concreta da temporalidade. O tempo "vivido" é sempre tempo "para" algo, "tempo em que isto e aquilo acontecem".

Também para Bosi (1994: 422): *"Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória"*.

A percepção da passagem do tempo se dá através da observação das mudanças ocorridas nos outros e no meio no qual o indivíduo vive. Bosi (1994), destaca que a memória *"é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas"*.

Peixoto demonstra em sua pesquisa a percepção da passagem do tempo por suas personagens, através da observação do crescimento das crianças e do desaparecimento de companheiros da praça. Segundo a autora, as transformações físicas observadas nos outros, permitem a percepção das mudanças ocorridas em si mesmo. Ou seja, o efeito das ações do tempo sobre o outro reflete o efeito das ações do tempo sobre si mesmo. *"A lembrança, significa, então, a inscrição no tempo presente e, conseqüentemente, a inserção no processo de representação da idade"* (2000: 92). Assim, lembrar significa reconhecer a passagem do tempo e, portanto, reconhecer-se mais velho.

As pessoas utilizam a expressão *"no meu tempo"* para designar o período da vida no qual desempenhavam plenamente suas atividades e realizavam seus projetos (Beauvoir, 1990). Para Simone de Beauvoir, o homem idoso se considera um sobrevivente, pois tem limitações e é improdutivo. O "seu tempo", era a época em que ele se considerava uma pessoa inteira, vivendo plenamente. Bosi (1994), no entanto, considera que esta visão pessimista de Beauvoir não se aplica a todas as pessoas. O velho não se sente necessariamente um sobrevivente, limitado e improdutivo. Por meio dos depoimentos dos idosos que entrevistou, Bosi (1994) demonstra que muitas pessoas têm uma velhice ativa e se sentem integradas com o tempo em que vivem, utilizando a expressão *"no meu tempo"* apenas para se referir ao passado. O velho pode considerar que seu tempo já passou e que ele, agora, é um sobrevivente debilitado que já não vive plenamente ou pode sentir-se vivo, ativo e participante do tempo atual.

De qualquer maneira, percebendo a passagem do tempo e os efeitos dessa passagem sobre si mesmo, o indivíduo se dá conta do quanto já viveu e do quanto lhe resta de vida. Voltar-se para o passado, para as recordações das experiências vividas, viver o presente intensamente, refletir ou não sobre suas realizações, aguardar serenamente pelo fim da vida ou tentar ignorar a possibilidade da morte são algumas atitudes possíveis por meio das quais os velhos podem lidar com a idéia da própria finitude.

Para Lins de Barros, *"a pessoa realiza revisões sucessivas durante a vida e a revisão nessa etapa [na velhice] parece se dar também em função do conhecimento do fim da vida e da proximidade da morte. A presença da morte já faz parte desse momento da vida: vários parentes e amigos de sua geração já morreram, bem como, evidentemente, das gerações ascendentes. Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a idéia do fim"*. (1987: 94-95).

Falar de si mesmo, nesta fase da vida, é, de acordo com Lins de Barros (1987), que pesquisou mulheres idosas e avós, uma maneira de rever o passado e também de transmitir conhecimentos e experiências às gerações mais jovens. Deixar um ensinamento aos mais jovens é uma forma de "marcar" sua existência no mundo, de se eternizar, pois seus conhecimentos, suas reflexões e suas experiências de vida permanecerão, além da sua morte, por meio de seus "discípulos" que podem ser seus filhos, netos, sobrinhos, alunos, vizinhos e amigos.

Entretanto, se fazer presente entre os mais jovens e transmitir-lhes seu conhecimento de vida não é, de uma maneira geral, empreitada fácil para o velho. Lins de Barros (1987) destaca que cada geração tem seu estilo de vida e a convivência entre pessoas de gerações diferentes pode gerar conflitos. Em sua pesquisa com avós a pesquisadora mostra que *"a luta pelo poder na família adquire, para esses avós, a conotação de uma luta contra a própria idéia de velhice decrépita e assistida"* (idem: 98). A recusa dos conhecimentos do velho é, de certa forma, uma negação do significado de sua existência. Se as suas experiências de vida não têm valor, sua vida não teve importância.

3. SER-PARA-A-MORTE E SER-COM-O-OUTRO

Quando a existência se projeta no ser-para-a-morte, antecipando-a, ela entreabre a temporalidade enquanto horizonte sobre o qual compreende e interpreta o seu sentido (cf., Heidegger, 1990). Se o nexos originário entre a consciência da morte e o sentimento de débito existencial, coloca-nos numa disposição de angústia que tende a ser evitada por discursos cotidianos de negação de sua realidade; por outro lado, a experiência da finitude coloca o homem diante da liberdade e responsabilidade pela realização das possibilidades que são próprias do seu existir e não daquelas impessoais do "todo mundo", que em geral orientam a existência esquecida do seu ser-para-a-morte. Assim, a angústia, característica das situações de proximidade com a morte, pode ser um convite à realização de possibilidades existenciais mais próprias e singulares.

Segundo Medard Boss, a possibilidade de uma aceitação serena da finitude está diretamente ligada ao sentimento de realização existencial. Diz ele (1988, p. 76): *"...o morrer sempre chega cedo demais para aqueles homens que se esquivaram ao próprio 'para que' do existir e assim fizeram mau uso da sua liberdade;..."*. Não se pode, entretanto, interpretar este sentido de realização segundo parâmetros objetivos de produtividade, enriquecimento, sucesso ou utilidade social. Mesmo uma vida considerada "vazia" sob estes critérios, pode ser transformada num destino rico em significação a partir de uma atitude que a assume enquanto história singular e consentida de existência. Viktor Frankl nos lembra que o passado sempre pode ser visto como

um “campo ceifado” ou como um “celeiro abastecido”, por isso ”... *não há razão para se ter pena de pessoas velhas. Em vez disso, as pessoas jovens deveriam invejá-las. É verdade que os velhos já não têm oportunidades nem possibilidades no futuro. Mas eles têm mais do que isso. Em vez de possibilidades no futuro, eles têm realidades no passado – as potencialidades que efetivaram, os sentidos que realizaram, os valores que viveram – e nada nem ninguém pode remover jamais seu patrimônio do passado.*” (2002, p. 127)

Tornstam (1989) desenvolveu o conceito de *gerotranscendencia*, que descreve uma alteração “*natural*” de consciência na idade madura, provendo o idoso de uma espécie de “*sabedoria*” e, como consequência, levando-o à uma ruptura com a visão de mundo materialista e racional, característica das sociedades ocidentais contemporâneas. De acordo com os estudos de Tornstam, que se baseiam em alguns aspectos da teoria do desengajamento^{vii}, o processo de *gerotranscendencia* pode ser reconhecido por meio da observação de uma série de alterações, tais como: diminuição do interesse em interações sociais supérfluas; maior dedicação a “*meditação*”; crescente sentimento de afinidade com o passado e com as futuras gerações; desinteresse pelas coisas materiais; redefinição da percepção do tempo, do espaço e dos objetos e; redefinição da percepção da vida e da morte e a diminuição do medo da morte. Tornstam faz uma associação comparativa entre a sua teoria da *gerotranscendencia* e alguns aspectos do *Zen Budismo* e sugere que a introspecção e inatividade de pessoas idosas podem ser características dessa fase da vida e não necessariamente indicação de um estado depressivo.

Carstensen (1995), compara o comportamento social do idoso ao de doentes terminais^{viii}. Segundo a ‘*Teoria da Seletividade Emocional*’, desenvolvida por esta pesquisadora, as pessoas priorizam a emoção quando se percebem próximas ao fim, “*quando cada interação com um neto ou um beijo de despedida no cônjuge podem ser o último*” (Carstensen, 1995: 143). Assim, os parceiros sociais são cuidadosamente selecionados para que possam oferecer experiências emocionais positivas.

Os idosos são agentes em potencial para a formação de redes de solidariedade em suas comunidades, principalmente, porque dispõem de tempo, maturidade e experiência existencial para se colocar numa perspectiva crítica em relação à atitude impessoal de pragmatismo produtivista da cotidianidade mediana. Os laços sociais formados nas comunidades a partir dos idosos podem estimular a formação, entre os membros de gerações mais jovens, de atitudes e valores mais solidários e tolerantes. Somente a partir do desenvolvimento de relações sociais, amizades, identificação entre os indivíduos, cumplicidade e consciência de pertencimento a uma comunidade, é possível a consolidação de um enraizamento social e existencial entre os indivíduos que compartilham de uma identidade.

A existência não deve ser vista como conjunto de individualidades isoladas. Nunca temos plena consciência da complexidade e amplitude da tessitura existencial em toda sua riqueza de produção e transformação de sentido. Mesmo um velho em condições físicas e mentais de limitação radical, não deve ser compreendido como um fenômeno isolado. Na realidade ele é sempre um velho pai, irmão, amigo, alguém que é tratado por enfermeiros, médicos etc. O círculo de relações que sua existência restrita abrange pode ser extremamente vasto e nunca temos uma avaliação precisa do valor que sua mera presença pode ter para outros enquanto fenômeno mobilizador das possibilidades de reflexão sobre a vida, respeito e cuidado amoroso.

De alguma forma, os idosos podem sempre ter um relevante papel dentro de suas comunidades, contribuindo para a construção de um sentimento de pertencimento e de unidade entre os sujeitos sociais e, conseqüentemente, criando laços de solidariedade que enriquecem o sentido do ser-no-mundo-com-o-outro num âmbito local, cujos efeitos de irradiações globais não devem ser desprezados.

4. BIBLIOGRAFIA

- Ariès, P. *História da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- Beauvoir, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- Bosi, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- Boss, M. *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.
- Carstensen, L. L. Motivação para Contato Social Ao Longo do Curso de Vida: Uma Teoria de Seletividade Emocional. In: Liberalesso, A. N. (Org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- Frankl, V. E. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- Debert, G.G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 12, n. 34, junho/1997, p.39-56.
- Dumazedier, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Dumont, L. *O Individualismo: uma perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- Heidegger, M. *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. *Ser e Tempo*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- _____. *Ser e Tempo*. Vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- Jönson, H. & Magnusson, J. A. A new age of old age? Gerotranscendence and the re-enchantment of aging. in: *Journal of Aging Studies*, (15, 317-331), 2001.
- Liberalesso, A. N. Psicologia do Envelhecimento: Uma Área Emergente. In: Liberalesso, A. N. (Org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- Lima, D. M. *O Peso da Idade: Panorama da Velhice no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- Lins de Barros, M. M. *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- Maciel, T. D'Ávila, M.I. Comunidades e Participação: Desafios para Pesquisa e Ação. O caso do Pantanal- In: D'Ávila Neto, M.I. (ed.). *Desenvolvimento Social, desafios e estratégias*, v. 2. Rio de Janeiro, Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável. UFRJ/EICOS, 1995.
- Marcellino, N. *Lazer e Humanização*. Campinas: Papirus, 2003.
- Mauss, M. *Ensaio de sociologia*. Editora Perspectiva: São Paulo, 2001.
- Minayo, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Minayo, M. C. S. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. & Coimbra Jr. C. E. A. *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- Morin, E. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Motta, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. in: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Minayo, M. C. S & Coimbra Jr. C. E. A. (org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

- Nasciutte, J. C. R. Reflexões sobre o Espaço da Psicossociologia. In: *Documenta*, n. 7, ano IV, 1996.
- Peixoto, C. E. *Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.
- _____. Avós e Netos na França e no Brasil: A Individualização das Transmissões Afetivas e Maternais. in: *Família e Individualização*. Peixoto, C. E. & Singly, F. & Cichelli, V. (org). Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- Pollak, M. Memória, Esquecimentos e Silêncios. In: *Revista Estudos Históricos* n. 3 Ed. Vértice, 1989.
- Scott, R. P. Envelhecimento e Juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva. in: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Minayo, M. C. S & Coimbra Jr. C. E. A. (org). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- Tornstam, L. (1989). Gero-Trancendece; a reformulation of disengagement theory. *Aging: Clinical and Experimental Research*, 1 (1), 55-63.
- Veras, R. *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: unATI/UERJ, 1997.

5. NOTAS

ⁱ Dados da Organização Mundial de Saúde

ⁱⁱ Idem

ⁱⁱⁱ Processo gradual provocado pela relação entre os índices de fecundidade e mortalidade.

^{iv} Debert, G. O idoso na Mídia. *Comciencia: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Setembro/2002. (<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>).

^v De acordo com essa “*imagem da velhice*” o *bom envelhecimento* é aquele no qual o indivíduo se mantém ativo, cuida da aparência e da saúde, portanto, ele só é possível enquanto o indivíduo consegue se manter *jovem*. Ou seja, o *bom envelhecimento* é, de certa forma, uma negação da velhice.

^{vi} O processo envelhecimento da população no Brasil é mais recente que nos países europeus e, por isso, “os problemas relativos ao envelhecimento ainda não constituem [no Brasil] pauta importante das políticas sociais” (Peixoto, 2000: 96). Na pesquisa de Clarice Peixoto sobre as relações entre avós e netos na França e no Brasil (Peixoto, 2000), a autora afirma que a coabitação das gerações mais velhas com as mais jovens é muito freqüente no Brasil e, praticamente não existe na França.

^{vii} Cumming (1963); Cumming, Dean, Newell, & McCffrey (1960); Cumming & Henry (1961)

^{viii} Em uma pesquisa sobre relações sociais realizada com três grupos de homossexuais - dos quais, o primeiro grupo com teste de HIV negativo, o segundo, com teste de HIV positivo mas sem apresentação de sintomas e o terceiro grupo com teste de HIV positivo, apresentando os sintomas da doença – a autora obteve os seguintes resultados: o primeiro grupo teve um comportamento semelhante ao de sujeitos de mesma faixa etária da população em geral, dando preferência a parceiros sociais novos; o segundo grupo apresentou um comportamento social similar aos sujeitos de meia-idade, isto é, minimizaram contatos futuros e se dedicaram às relações já existentes e; o terceiro grupo apresentou-se similar ao dos sujeitos idosos. Ou seja, o terceiro grupo, tendo em vista um futuro ainda mais limitado, apresentou maior grau de preocupação com a qualidade das suas relações antigas do que com a ampliação de sua rede de contatos sociais (Carstensen, 1995).